



Alunos africanos e de Timor vivem dificuldades financeiras

Estudo sobre desempenho académico revela taxa de desistência no primeiro ano superior à dos estudantes nacionais e pouca procura dos serviços sociais. Falta de habitação é um problema

Glória Lopes
societade@jn.pt

SUPERIOR As dificuldades financeiras são dos maiores problemas que enfrentam em Portugal os estudantes internacionais oriundos dos PALOP e de Timor-Leste, revelou um estudo nacional apresentado em Bragança esta semana. Segundo essa análise, 69% dos alunos da Guiné-Bissau, 61% dos de São Tomé, 51% dos cabo-verdianos e 32% dos que vieram de Angola, Moçambique e Timor-Leste admitiram as dificuldades económicas como sendo das principais adversidades que vivem em Portugal.

“As dificuldades financeiras e as académicas estão lado a lado”, referiu Ricardo Biscais, do grupo de trabalho que produziu o estudo, porque os jovens “vêm de um contexto difícil, que os obriga a trabalhar, o que lhes atrapalha a vida e a frequência normal do curso”, resumiu.

O Estudo sobre os Estudantes Internacionais Oriundos dos PALOP e de Timor-Leste a Frequentar o Ensino Superior em Portugal teve como objetivo traçar o perfil de desempenho académico desses alunos, perspetivando o seu futuro após a conclusão da formação.

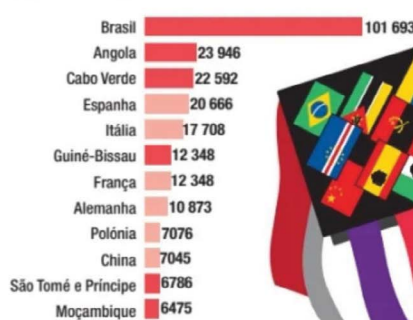
DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A presidente da Associação de Estudantes Africanos em Bragança, Romana Brandão, admitiu que muitos problemas estão associados “à falta de habitação e às rendas elevadas do alojamento”, porque “os preços dispararam”.

Os estudantes inquiridos indicaram que a discriminação racial continua a existir, com 38% dos alunos de São Tomé e Príncipe e 31% dos estudantes angolanos a apontá-las como sendo dos principais problemas quan-

Estudantes internacionais

Total 2015-2021



Taxa de desistência no 1.º ano, em 2020

Todos os ciclos de estudos

	2013	2020	
Angola	0,34%	0,36%	↔
Cabo Verde	0,30%	0,61%	↗
Guiné-Bissau	0,40%	0,58%	↗
Moçambique	0,28%	0,29%	↔
São Tomé e Príncipe	0,26%	0,35%	↗
Timor Leste	0,20%	0,27%	↗
Portugal	0,19%	0,19%	↔

FONTE: ESTUDO SOBRE OS ESTUDANTES INTERNACIONAIS ORIUNDOS DOS PALOP E DE TIMOR-LESTE A FREQUENTAR O ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL. INFOGRAFIA JN

DETALHES

Recorrem a amigos

Para resolver as dificuldades, os estudantes procuram mais a família (55%) e os amigos (43%) do que os serviços de ação social (7%), as associações de estudantes do mesmo país de origem (3%) e a associação de estudantes da instituição (1%). “O que sobressai destes dados são os baixos valores percecionados relativamente ao papel integrador das várias instâncias institucionais”, lê-se nas conclusões.

Mais de 15 mil inscritos

15 414 estudantes inscritos, dos quais 8947 no ensino universitário público, 9968 no politécnico, 2668 no ensino privado.

Qual a amostra?

O estudo teve em conta uma amostra de 1300 alunos, representativa do to-

tal dos alunos dos PALOP e de Timor-Leste inscritos no Ensino Superior. A maioria dos alunos da amostra são angolanos (430), cabo-verdianos (368), guineenses (316), moçambicanos (154), de São Tomé e Príncipe (68) e de Timor-Leste (36).

Apoio das bolsas

55% dos alunos timorenses beneficiam de bolsa de estudo, enquanto só 29% dos são-tomenses têm direito a esta ajuda, 30% dos moçambicanos, 21% dos guineenses, 13% dos angolanos e 18% dos cabo-verdianos.

Problemas com vistos

Estudo aponta o ingresso tardio dos alunos por atraso na obtenção de vistos junto das embaixadas, conduzindo a que não possam frequentar o 1.º semestre.

Instituições de Ensino Superior com mais alunos



Dificuldades sentidas no contexto académico

Tipo de dificuldade	Estudantes	%
Relação com colegas	207	36%
Competências académicas adquiridas no Ensino Secundário	302	26%
Ritmo de trabalho do trabalhador-estudante	288	24%
Dificuldades com documentos/burocracias	247	21%
Relação com professores	224	19%
Discriminação racial	222	19%
Problemas de saúde (mental, emocional e/ou física)	193	16%
Funcionamento pedagógico da IES	175	15%
Desconhecimento dos serviços da IES	142	12%
Não senti nenhuma	148	12%
Reconhecimento académico de grau de ES obtido noutra país	105	9%

do vêm estudar para o nosso país, depois da distância dos familiares

“CHOQUE CULTURAL”

A relação com os colegas foi apontada por 36% dos alunos inquiridos como uma das dificuldades que sentem. Contudo, “os contactos mais informais aparecem como mais importante do que as entidades criadas para os apoiar, porque são interações de sala de aula que são mais significativas e se revelam mais importantes”, explicou Ricardo Biscaia.

O estudo revela que os estudantes internacionais, nomeadamente os originários daqueles países, têm um desempenho académico inferior aos nacionais e que a taxa de desistência no primeiro ano do curso é mais elevada. Em 2020 rondou os 60%. “Segundo os dados da Direção-Geral do Ensino Superior, os estudantes portugueses cumprem em média 55 créditos em 60, mas os PALOP e de

Timor andam na casa dos 35% a 40%. Têm níveis de desempenho inferior, mas é um resultado expectável porque há um choque cultural muito grande entre as bases do Secundário de lá e depois cá. O primeiro motivador para realizar este inquérito foi este”, concretizou Ricardo Biscaia.

Uma percentagem considerável dos estudantes pretende regressar ao país natal, por exemplo 58% dos alunos timorenses, 43% dos são-tomenses, e 41% dos guineenses manifestaram esse interesse. No caso dos angolanos e moçambicanos, 29% pretendem regressar a casa e apenas 21% dos cabo-verdianos têm intenção de voltar para o país de origem.

Os dados revelam que a instituição de Ensino Superior com mais alunos das suas proveniências é o Politécnico de Bragança, com um total de 7839, seguida da Universidade de Lisboa com 6969 inscritos, e a Universidade Lusófona com 3302 alunos. ●